



Universidade Federal de Sergipe

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

MOISÉS TAVARES DE OLIVEIRA

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: PESQUISA QUALITATIVA NO POVOADO SERRA,
DO MUNICÍPIO DE ITABAIANA, NO ESTADO DE SERGIPE

ITABAIANA

2016

MOISÉS TAVARES DE OLIVEIRA

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: PESQUISA QUALITATIVA NO POVOADO SERRA,
DO MUNICÍPIO DE ITABAIANA, NO ESTADO DE SERGIPE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Sergipe como pré-requisito para a
obtenção de grau no Curso de Letras-Português, sob
orientação do prof. Dr. **Derli Machado de Oliveira**.

ITABAIANA

2016

RESUMO

A referida pesquisa serviu como pré-requisito para a obtenção de grau no Curso de Letras-Português, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Itabaiana, e abordou a temática: Preconceito linguístico: pesquisa qualitativa no povoado Serra município de Itabaiana, no estado de Sergipe, considerando-se, de tal forma, por algumas situações acontecerem no cotidiano dos moradores do referido povoado, mas tais situações não obstaculizam o processo de comunicação. A pesquisa visou a estabelecer uma análise qualitativa abrangente sobre preconceito linguístico ocorrencial no cotidiano dos moradores da região citada, bem como demonstrar a necessidade da presença de situações em decorrência ou não do nível escolar dos usuários entrevistados. A pesquisa qualitativa utilizou e apresentou argumentações autorais sobre a temática apresentada, para que assim sejam fundamentadas todas as colocações apresentadas, e que possíveis leitores possam recorrer a tais fontes bibliográficas para enriquecerem e sustentarem seus trabalhos e textos discursivos. Autores como Saussure, Bagno e Bakhtin, dentre outros, serão apresentados em todo o desenvolvimento textual.

Palavras-chave: pesquisa, qualitativa, preconceito, linguístico, comunicação.

ABSTRACT

Such research serves as a prerequisite for obtaining degree in Letters-Portuguese Course of the Federal University of Sergipe, Campus Itabaiana, and addressing the issue: Linguistic Prejudice: qualitative research in the village Serra municipality of Itabaiana, State of Sergipe considering, so for some happen situations in daily life of the residents of that village, but such situations do not hinder the communication process the research aimed to establish a comprehensive qualitative analysis of linguistic discrimination ocorrencial the daily lives of residents of said area and demonstrate the need for the presence of situations arising out of or not the school level of the interviewed users. The qualitative research used and presented arguments on the copyright issue presented, so that they are based all displayed settings, and potential readers can resort to such literature sources to enrich and sustain their work and discursive texts. Authors such as Saussure, Bagno and Bakhtin, among others, will be presented throughout the textual development.

Keywords: research, qualitative, prejudice, language, communication.

TABELAS

Tabela 01: Qual é seu nível de escolaridade? _____	23
Tabela 02: Qual a sua profissão? _____	24
Tabela 03: Você possui algum problema em relação à _____ comunicação com outros? Se possui, relate-nos	24
Tabela 04: Na sua opinião, o nível de escolaridade interfere _____ no processo de comunicação? Em caso afirmativo, justifique	25
Tabela 05: Você já passou por alguma situação de _____ constrangimento por falha no processo da comunicação devido ao seu nível de escolaridade? Em caso afirmativo, relate-nos	26
Tabela 06: Na sua opinião, as pessoas que possuem um nível _____ de escolaridade diferenciado do seu comportam-se de forma superior a você? Em caso afirmativo, comente o porquê	27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	09
2.1	A LÍNGUA	09
2.2	A FALA	10
2.3	A LINGUÍSTICA	11
2.4	A SOCIOLINGUISTICA	13
2.5	AVARIAÇÃO LINGUISTICA	16
3	PRECONCEITO LINGUISTICO	20
4	OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	22
4.1	PRECONCEITO LINGUISTICO VIVIDO PELOS ENTREVISTADOS – ANALISE DOS DADOS COLETADOS	23
5	CONCLUSÃO	29
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
	ANEXO	33

1 INTRODUÇÃO

O Brasil possui como idioma oficial a Língua Portuguesa, e em suas 05 regiões (Norte, Nordeste, Sul, Centro-oeste e Sudeste) apresenta-se uma diversidade vocabular, que é inerente ao fato da ocorrência de algumas situações de preconceito linguístico.

O fato de o país possuir uma vasta extensão continental não diminui, nem tampouco, sobrecarrega os elementos envolvidos no processo de comunicação, uma vez que cada região brasileira possui suas peculiaridades às situações de preconceito linguístico. A questão é saber se tais situações se apresentam entre os usuários que possuem o mesmo nível social, ou se estas ocorrem somente com os que possuem um grau de escolaridade menor.

Percebe-se que no convívio social, alguns indivíduos sofrem preconceito linguístico, não pelo fato de não terem tido acesso à escola, ou ao uso da língua escrita regida por regras gramaticais, mas por apresentarem tão somente uma forma subjetiva de utilizar a língua em sua plenitude.

Não se pode desvincular a situação de preconceito linguístico à ocorrência plena do processo de comunicação, uma vez que esse envolve relações sociais interacionais entre os seres de uma mesma comunidade que dispõem de um idioma afim, para que assim, havendo, assim, uma efetiva troca de informações, bem como os elementos envolvidos devem se sentir satisfeitos, e o processo que os envolve não apresente falhas, nem tampouco ocorram obstruções.

Ainda delineando-se sobre o processo de comunicação, para que este ocorra, de forma efetiva, os elementos envolvidos, o emissor, o receptor, o canal, o código (a língua) e a mensagem devem interagir e possuir uma coesão total, fazendo com que os integrantes do referido processo adquiram experiências por intermédio de trocas de informações, bem como da compreensão clara de sua mensagem ou, até mesmo, de sua fala.

A referida pesquisa serviu como pré-requisito para a obtenção de grau no Curso de Letras-Português, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Itabaiana, e abordou a temática: Preconceito linguístico: pesquisa qualitativa no povoado Serra município de Itabaiana, no estado de Sergipe, considerando-se, de tal forma, por algumas situações

acontecerem no cotidiano dos moradores do referido povoado, mas tais situações não obstaculizam o processo de comunicação.

A pesquisa visou a estabelecer uma análise qualitativa abrangente sobre preconceito linguístico ocorrencial no cotidiano dos moradores da região citada, bem como demonstrar a necessidade da presença de situações em decorrência ou não do nível escolar dos usuários entrevistados.

Na presente pesquisa, buscou analisar as situações do preconceito linguístico no cotidiano dos moradores do Povoado Serra, relevando assim a experiência de cada indivíduo entrevistado, assim como valorizou a funcionalidade institucional da língua, como sendo um elemento formador no processo de comunicação.

A questão investigativa de saber se tais situações de preconceito linguístico se apresentam entre os usuários que possuem o mesmo nível social foi desenvolvida e argumentada durante a exposição de autores que trataram da referida temática, a partir de uma entrevista, com questões de ordem sócio-cultural.

A pesquisa qualitativa utilizou e apresentou argumentações autorais sobre a temática apresentada, para que assim sejam fundamentadas todas as colocações apresentadas, e que possíveis leitores possam recorrer a tais fontes bibliográficas para enriquecerem e sustentarem seus trabalhos e textos discursivos. Autores como Saussure, Bagno e Bakthin, dentre outros, serão apresentados em todo o desenvolvimento textual.

Considerando-se a língua como um instrumento imprescindível à realização do processo de comunicação, não devemos, portanto, desconsiderar o pesquisador suíço: Ferdinand de Saussure em suas considerações (apud RODRIGUES, 2008, p.09):

Para Saussure, a língua não é nada mais que um sistema de valores puros. Descartando toda possibilidade de que a língua pudesse ser uma descrição do mundo, o linguista apresenta sua teoria, enfocando a língua como um fato social, produto da coletividade, que estabelece os valores desse sistema através da convenção social, sobre a qual o indivíduo não teria nenhum poder. Para perceber que a língua não é senão um sistema de valores, o linguista parte da análise de dois de seus aspectos básicos, as ideias e os sons.

O referido estudo observou de forma cautelosa a ocorrência de algumas situações experiencializadas por vinte moradores do Povoado Serra, do município de Itabaiana, no

Estado de Sergipe, considerando assim: gênero e nível de escolaridade distintos, para que assim fossem comprovada a possível ocorrência de tais situações.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A LÍNGUA.

A língua é um instrumento que une povos, de diversas maneiras, seja em seu plano escrito, falado, através de sinais ou, até mesmo, através de placas, gestos e outros meios. Considerando-se Saussure, em delineio à língua:

é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução (1995, p.96).

Não se pode, nem tampouco se deve dissociar a função social da língua, com o seu estado de evolução. Determinadas gerações podem utilizar a língua para se comunicar em suas diversas amplitudes linguísticas, bem como grupos sociais que indispuseram de condições sociais para ter o acesso à educação, possuem seus mecanismos linguísticos, utilizados efetivamente no processo de comunicação.

Entendamos, então, que o instrumento de comunicação denominada: língua é um conjunto de elementos que podem ser estudados, e entendidos de ordem simultânea, tanto na associação paradigmática, assim como na associação sintagmática. Por via de regra, centraliza-se como objetivo que um elemento depende do outro para ser formado. Um sintagma pode ser concebido a partir da combinação das palavras, e que estas tenham a possibilidade de serem associadas, logo as palavras podem ser relacionadas em uma relação paradigmática.

No discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se alinham um após outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apóiam na extensão, podem ser chamadas de *sintagmas* (SAUSSURE, 1995, p.142).

As relações paradigmáticas se apresentam pela relação associativa entre termos de um contexto semântico-textual, ou seja, se tomarmos como exemplo: vaso e vaca, teremos então uma relação paradigmática, pois temos nesse caso 02 substantivos de ordem comum.

As línguas apresentam relações paradigmáticas ou associativas que dizem respeito à associação mental que se dá entre a unidade lingüística que ocupa um determinado contexto (uma determinada posição na frase) e todas as outras unidades ausentes que, por pertencerem à mesma classe daquela que está presente poderiam substituí-la nesse mesmo contexto (COSTA, 2008, p.121).

É válido lembrar que paradigmas e sintagmas obedecem às regras da língua, porque, se assim não os forem, eles estarão em discrepância com tal contexto associativo, pois considerando Costa (2008, p.121):

As relações paradigmáticas manifestam-se como relações *in absentia*, pois caracterizam a associação entre um termo que está presente em um determinado contexto sintático com outros que estão ausentes desse contexto, mas que são importantes para a sua caracterização em termos opositivos.

Para Ferdinand Saussure, a língua é social por ser um instrumento utilizado por uma coletividade com intuítos e garantias afins; é também individual pelo fato de cada elemento que constitui o seu meio social utilizá-la consoante suas limitações e afinidades. Consoante Costa (2008, p.116): “a língua corresponde à parte essencial da linguagem e o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua”; ou seja, para Saussure, indivíduo algum pode modificar a língua, uma vez que esta tem representatividade própria, e não se exime de caráter de cunho social, pois faz parte indispensável no processo da comunicação.

Considerando Bakthin (apud MUSSALIM e BENTES, 2011, p.24):

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal realizada através da enunciação* ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Percebe-se que tanto a língua como a fala, para Bakthin, possuem um caráter de suma importância no processo comunicativo, uma vez a interação verbal propriamente dita é de uma valia não ímpar, mas de uma formação constitucional imprescindível aos usuários de uma comunidade linguística.

2.2 A FALA

A fala é o instrumento de ordem individual pela qual o sujeito efetiva a produção sua linguagem, constituindo-se em um fator de caráter infinito. De caráter infinito por não ter limite nem, tampouco, fim; ou seja, é na produção e elaboração da fala que a língua se configura em um elemento indispensável e claro nas relações sócio-comunicativas.

Considerando-se,

Cardoso (1999, p. 20), a fala é um “ato linguístico individual, material, concreto, psicofísico, dependente da vontade e da inteligência do indivíduo (portanto, subjetivo), um impulso expressivo, ato inovador (lugar de liberdade), acessório e mais ou menos acidental”.

É através dela que a língua toma forma, materializa-se e se atualiza, atravessando gerações, sociedades, sendo que tanto a língua como a fala interagem dentro do psicológico de cada ser. E quanto aos surdos-mudos, como poderíamos, então, entender o processo de comunicação com esses indivíduos, se estes não dispõem do mecanismo linguístico denominado fala? Eles interagem através da linguagem de sinais, atualmente conhecida como o sistema de Libras (Língua Brasileira de Sinais). Muito se tem investido para que as diferentes formas de comunicação possam chegar a todos, indistintamente.

A fala projeta a língua para a sua real efetivação. Tomemos como exemplo um poliglota: este jamais terá dificuldades em se comunicar com os idiomas que ele fala fluentemente, pois a língua estará sempre associada à fala, para que assim o processo de comunicação não fique restrito nem, tampouco, incoerente.

2.3 A LINGÜÍSTICA

Para que se entenda a funcionalidade da língua, é necessário considerar a importância da linguística, como ciência objeto do estudo da linguagem, da língua e da fala, em suma, da ciência que estuda e analisa o processo da comunicação.

A língua é o sistema subjacente à atividade da fala, mais concretamente, é o sistema invariante que pode ser abstraído das múltiplas variações observáveis da fala. Da fala, se ocupará a estilística, ou, mais amplamente, a Linguística Externa. A linguística, propriamente dita, terá como tarefa descrever o sistema formal, a língua. Inaugura-se, assim, a chamada abordagem imanente da língua, que, em termos saussureanos, significa afastar ‘tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema’ (MUSSALIM e BENTES, 2004, p. 23).

Considerando-se Ferdinand de Saussure:

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo (SAUSSURE, 2006, p.21).

Na ótica saussureana, a linguística cumpre o papel de entender a sistematização da língua de ordem formal. Inicia-se, assim, um estudo sobre todos os fenômenos que podem ser considerados como estranhos e alheios às estruturas linguísticas, concebendo-se, então, a ideia de que no estudo das estruturas linguísticas, a Linguística como ciência, define seu papel ímpar para a ocorrência de fenômenos linguísticos, bem como da evolução desses.

Das incursões que acabamos de fazer nos domínios limítrofes de nossa ciência, se depreende um ensinamento inteiramente negativo, mas tanto mais interessante quanto concorda com a idéia fundamental deste curso: a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma (SAUSSURE, 2006, p. 271).

Entende-se, portanto, que o objeto da Linguística não é tão-somente a análise do uso da língua em si mesma, mas em todos os fenômenos que lhe perpassam.

Assim, percebe-se que o processo de verbalização possui uma estrutura sistematizada, obedecendo-se a preceitos gramaticais, vinculados a normas pré-estabelecidas por convenções estruturais e linguísticas; ou seja, todo e qualquer idioma é organizado consoante sua gramática, que tem em depósito normas, regras que devem estar presentes na vida escrita de seus usuários, pois, considerando Bagno (2007, p.11),

(...) a Linguística demonstra que todas as formas de expressão verbal têm organização gramatical, seguem regras e têm uma lógica linguística perfeitamente demonstrável. Ou seja: nada na língua é por acaso.”

Percebe-se que a Linguística considera de forma unilateral a linguagem como sendo um instrumento único e seguro aos usuários ao que se refere à forma pela qual cada indivíduo se comunica, com suas peculiaridades, com sua instrumentalização subjetiva, ademais, considerando LOURO (1997, pág.65):

...Dentre os múltiplos espaços e as muitas instâncias onde se pode observar a instituição das distinções e das desigualdades, a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente, tanto porque ela atravessa e constituía maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito natural. Seguindo regras definidas por gramáticas e dicionários (...) supomos que ela é, apenas, um eficiente veículo de comunicação. No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz pretende fixar diferenças.

A linguagem não pode se desprender, nem muito menos desvalorizar a forma que cada cidadão utiliza para se comunicar, é de seu objeto de estudo a prática da comunicação efetiva e eficaz. É importante também denotar que nos estudos linguísticos a dialética *langue* e *parole*- língua e fala, não podem ser dissociadas, estão intimamente ligadas e dependentes, pois uma faz uso da outra, Uma vez que, em sua análise conceitual linguística, o fator valor linguístico é indispensável, e também , é preciso analisar cada um desses eixos de relações envolvidas no processo linguístico, pois considerando a ótica Saussureana:

Enquanto um sintagma suscita em seguida a idéia de uma ordem de sucessão e de um número determinado de elementos, os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada. Se associarmos desej-oso, calor-oso, medr-oso, etc., ser-nos-á impossível dizer antecipadamente qual será o número de palavras sugeridas pela memória ou a ordem que aparecerão. Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida (SAUSSURE, 2002, p. 146).

Para Saussure, os dois eixos representam elementos indispensáveis ao processo do exercício do uso da linguagem em suas mais diversas situações.

Considerando Bagno (2007, p.11), “(...) a Linguística demonstra que todas as formas de expressão verbal têm organização gramatical, seguem regras e têm uma lógica linguística perfeitamente demonstrável. Ou seja: nada na língua é por acaso.” Assim, percebe-se que o processo de verbalização possui uma estrutura sistematizada, obedecendo-se a preceitos gramaticais, vinculados a normas pré-estabelecidas por convenções estruturais e linguísticas; ou seja, todo e qualquer idioma é organizado consoante sua gramática, que tem em depósito normas, regras que devem estar presentes na vida escrita de seus usuários

2.4 A SOCIOLINGUÍSTICA

É praticamente impossível se falar em linguagem sem a relacionar com a sociedade, com as instituições ou os meios em que o homem vive, pois a relação existente entre eles é, basicamente, o centro que forma o ser humano, preparando-o para as relações sociais, tanto de convívio como de experiências linguísticas.

Ao considerarmos a historicidade da Humanidade, observamos que o homem é um ser que se sistematiza de forma organizacional em sociedade, possuindo e praticando um código, ou seja, uma comunicação de ordem oral, que é a língua propriamente praticada por cada

integrante. Os indivíduos de uma sociedade não podem nem, tampouco, devem criar obstáculos que impeçam a efetivação da língua, o que acarretará certamente em falhas no processo de comunicação.

Quando se analisam alguns fenômenos linguísticos, recorre-se à ciência denominada de Sociolinguística, que segundo Mollica (2007, p.09):

uma das subáreas da Linguística que estuda a língua em uso, no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (Mollica, 2010, p.9)

Entendamos, segundo a definição das autoras Mollica e Braga, que as considerações da Sociolinguística sobre o uso da língua são importantíssimas, uma vez que a mesma analisa criteriosamente de que forma a língua é utilizada pelos integrantes de uma comunidade, bem como esta se apresenta em suas variações.

Ainda, considerando a conceituação de Sociolinguística, Barbosa (2016)

considera que a fala de um indivíduo que esteja isolado dentro de um grupo, nem sempre é a mesma. “Seu tom na conversação e, com ele, a escolha de palavras muda segundo cada meio social em que se encontra no momento”. O autor vai além dessa explicação, colocando também as diversas formas e estilos de linguagem utilizada pelo falante em ocasiões diferentes. “A isso se acrescenta que a linguagem toma diferente colorido segundo o tema da conversação: há um estilo para declaração de amor, outro para a declaração oficial, outro para a negativa ou reprimenda (Apud PRETI, 1987, p.12).

É preocupação básica da Sociolinguística, consoante explanações autorais supracitadas, a análise de alguns fenômenos linguísticos, fenômenos esses que não podem ser considerados assim tão fáceis de ser analisados uma vez que, para tal, é necessário considerar algumas razões históricas, como por exemplo, o contexto social e o meio social em que vivem aqueles que se dedicam a estudar tais fenômenos. Sendo assim, as teorias de linguagem, sejam elas do passado ou atuais, sempre têm entendimentos particulares e diferentes do papel desses na vida social, pois elas analisam a importância da língua no processo de comunicação, e não o desnivelamento existente entre os falantes de uma comunidade.

No século XIX, o linguista alemão Augusto Scheicher considera a Sociolinguística como uma ciência natural, fato esse que teve um forte impacto à época, pois comparava a linguística a um ser que nasce, cresce, reproduz-se e morre; sendo tal teoria comparada à *Teoria da Evolução das Espécies*, do cientista Charles Darwin, pois em conformidade com seu pensamento:

Cada língua é o produto de um complexo de substâncias naturais no cérebro e no aparelho fonador. Estudar uma língua é, portanto, uma abordagem indireta a este complexo de matérias. Desta maneira, a diversidade das línguas depende da diversidade dos cérebros e órgãos dos homens, de acordo com as suas raças. E a língua é associada à raça de maneira indissolúvel. Ela é o critério mais adequado para se proceder à classificação racial da humanidade (MUSSALIM e BENTES, 2004, p. 22).

Delineando-se para o século XX, a considerada relação existente entre linguagem e sociedade podia não ser a única, mas era relevante, pois anulava (de certa forma) as teorias anteriores, como sendo de ordem social e histórica. É condicionado a se tratar então sobre a constituição estruturalista do linguista, Ferdinand de Saussure, que centralizava o fenômeno linguístico como um sistema que visa a tão-somente descrever a abordagem da língua, pois de acordo com Mussalim e Bentes, no livro *Introdução à Linguística*, Saussure certificava-se que

a língua é o sistema subjacente à atividade da fala, mais concretamente, é o sistema invariante que pode ser abstraído das múltiplas variações observáveis da fala. Da fala, se ocupará a Estilística, ou, mais amplamente, a Linguística Externa. A Linguística, propriamente dita, terá como tarefa descrever o sistema formal, a língua. Inaugura-se, assim, a chamada abordagem imanente da língua, que, em termos saussureanos, significa afastar ‘tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema’ (MUSSALIM e BENTES, 2004, p. 23).

Em cada meio social e em cada época, existe um jeito específico de tratar os fenômenos linguísticos, tendo diversas maneiras de vê-los, analisá-los, estudá-los e, até mesmo, explicá-los. Entretanto, é válido lembrar que como o próprio nome diz, a Sociolinguística estuda a área da variação linguística dentro de uma determinada sociedade, independentemente do tipo da variação; quer ela seja histórica, regional ou social, é objeto dela estudar as variedades que circulam em determinado meio social.

Na contemporaneidade, o fenômeno das variações linguísticas e o trabalhado dentro do processo do ensino-aprendizagem de língua materna em sala de aula estão sendo mais valorizados, uma vez que são corriqueiras as ocorrências de tais fenômenos, pois grande parte dos professores deve estar conscientes de sua importância para a formação de cidadãos íntegros e participantes ativos da vida em sociedade, fazendo com que, assim, tenham um melhor desempenho em suas atividades laborais ou, até mesmo, isso repercuta bem na sua inserção no mercado de trabalho.

As línguas possuem variações, o que repercute no fato de elas não serem homogêneas. Logo, a própria Língua Portuguesa possui suas diversidades, pois pode ser falada de várias formas por seus falantes, sejam eles do Brasil, de Portugal, de Angola, de Moçambique, de

Papua Nova Guiné, enfim, nos países que a utilizam como idioma oficial. Não é prerrogativa da Sociolinguística vê essa diversidade como um problema, como algo que pode prejudicar a vida de seus usuários, bem como obstruir o processo de comunicação, mas sim como um aspecto que faz parte da Linguística, pois devemos considerar que se é praticamente impossível termos uma língua e que nela inexistam variações.

O objeto de estudo da Sociolinguística é a língua falada, escrita, analisada e observada dentro de um contexto histórico, geográfico e social, ou seja, em situações absolutamente distintas, quer sejam por falantes de Portugal, quer sejam falantes de Moçambique, a importância que a Sociolinguística destina é a de analisar tão-somente como a língua se apresenta em diferentes povos, mas que obedece a um arcabouço gramatical igual.

2.5 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Em inúmeros momentos, muitas das vezes se tem falado e abordado o fenômeno da variação linguística, fenômeno esse presente tanto na fala, como na escrita. Em consonância com Cagliari (2000, p. 76), todo mundo sabe que há modos diferentes de se falar uma língua. tal afirmativa mostra que existem várias formas de se dizer a mesma coisa, com o mesmo significado, por conta da existência real da variedade de palavras, significados e formas de linguagens existentes, utilizados assim por usuários de uma mesma língua, em situações iguais ou diferentes.

É de inteira consciência de que grande parte das sociedades são formadas por pessoas com classes sociais diferentes: teremos de um lado os ricos e, de um outro lado os pobres, teremos também as pessoas que tiveram acesso à escolarização, e aqueles que por inúmeros motivos não tiveram a oportunidade de frequentar uma escola, tais situações acontecem tanto com homens, como com mulheres, assim como com crianças e idosos, haverá também pessoas que migram de outras regiões, podemos então elencar estas pessoas como heterogêneas, quer sejam no gênero, na classe social ou em seu nível de escolaridade, seja estas diversificadas, e até mesmo são sujeitos de conflitos e submetidos a transformações. Ponderando Cagliari (2000, p. 81), informa que “Através do modo de falar de cada um, revela-se o status social dos indivíduos e grupos sociais, ficando definido o lugar de cada um na sociedade”, então a presença da variação linguística que existe e perdura no modo de falar de algumas pessoas pode representar mecanismos e distintivos de diferenciação dos

indivíduos, que são infelizmente são discriminados e regidos por valores sociais, econômicos, ideológicos, políticos, religiosos, culturais, dentre outros.

O pensamento de Cagliari (2000) é ratificado por Bagno (2007, p. 36) quando diz que da mesma forma que a sociedade apresenta-se diversificada, a língua, no uso de suas circunstância, também apresenta-se diversificada, como cita: “A língua, na concepção dos sociolinguistas, é heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução”, fala também que “ a língua é o conjunto de consequências sociais, culturais e ideológicas, um trabalho coletivo”; em outro trecho completa : “a língua é uma atividade social”. Dessa forma, sendo a língua um produto da construção social, possuindo características variáveis e heterogêneas, os usuários que compõem essa sociedade dessa língua, também assume as características de tal variação.

Ao direcionarmos o fenômeno e as situações da variação linguística na sala de aula, e que tais fatos estão presentes no cotidiano dos alunos, não se pode desconsiderar que tais situações devem por urgência serem discutidas em sala de aula, como é demonstrado a seguir por CAGLIARI (2000, p. 82):

Para a escola aceitar a variação linguística como um fato linguístico, precisa mudar toda a sua visão de valores educacionais. Enquanto isso não acontece, os professores mais bem esclarecidos deveriam pelo menos discutir o problema da variação linguística com seus alunos e mostrar-lhes como os diferentes dialetos são, porque são diferentes, o que isso representa em termos das estruturas linguísticas das línguas e, sobretudo, como a sociedade encara a variação linguística, seus preconceitos e a consequência disso na vida de cada um.

É de suma importância que as instituições de ensino conscientizem os alunos, em parceria com todos que fazem a escola: pais, professores, funcionários, os verdadeiros valores sociais que estes devam construir e possuir, e que tais valores devam ser extremamente diferentes aos que a sociedade atribui, ou seja, o modo de falar a língua não pode ser visto com preconceito, pois para a comunicação não existe o certo e o errado, existe sim a totalização do processo comunicativo e que esses valores, embora tais preconceitos se baseiem em falsas interpretações, como por exemplo: a consideração do nível escolar, da cor, da religião, da classe social, dentre outros.

Podemos , então, conceber então a ideia de que a variação linguística está relacionada diretamente a fatores sociais extralinguísticos, como: de onde seus falantes provêm, ou seja a sua origem geográfica, o seu status socioeconômico, o grau de

escolarização, a idade, o sexo, o mercado de trabalho, e atualmente com a evolução tecnológica, o uso das redes sociais. Sendo assim, tais itens podem certamente auxiliar e direcionar na identificação dos tipos de variação, como demonstra em suas considerações BAGNO (2007, p. 43):

Origem geográfica: a língua varia de um lugar para outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc.; outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa;

Status socioeconômico: as pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa;

Grau de escolarização: o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita é um fator muito importante na configuração dos usos lingüísticos dos diferentes indivíduos;

Idade: os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais, nem estes pais falam do mesmo modo como as pessoas das gerações anteriores.

Sexo: homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece.

Mercado de trabalho: o vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade lingüística: uma advogada não usa os mesmos recursos lingüísticos de um encanador, nem este os mesmos de um cortador de cana.

Redes sociais: cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com quem convive em sua rede social; entre esses comportamentos está também o comportamento lingüístico.

Sendo assim, os fatores sociais extralingüísticos desenvolvem importantes contribuições, que chegam a desencadear as diferentes formas de falar dos indivíduos, resultando na real situação de convivência do fenômeno da variação lingüística. Tais fatores ajudam na identificação do fenômeno da variação lingüística, pois mostram diretamente a existência de uma relação muito estreita entre a língua e os grupos sociais que a utilizam. A utilização de uma variedade lingüística presente nos falares dos indivíduos pode tão somente significar o uso de um português não considerado como forma padrão, pode significar, assim, a língua de uma classe social diferente, cuos preceitos gramaticais são totalmente desconhecidos. Bagno (2007) relata que no comportamento da língua das pessoas, merecem relevância o grau de escolarização e o status socioeconômico ao qual pertence:

As pesquisas lingüísticas empreendidas no Brasil têm mostrado que o fator social de maior impacto sobre a variação lingüística é o grau de escolarização que, em nosso país, está muito ligado ao status socioeconômico: a escola de qualidade e a possibilidade de permanência mais prolongada no sistema educacional são bens sociais limitados às pessoas de renda econômica mais elevada. Estudos sociológicos apontam que existe uma relação muito estreita entre escolaridade e ascensão social: os melhores empregos e os postos de comando da sociedade estão reservados predominantemente aos cidadãos mais escolarizados. (BAGNO, 2007, p.44).

Percebe-se que a escola se apresenta como um local dinâmico, no que diz respeito à construção da cidadania das pessoas, e que também reúne pessoas com valores, sendo estas dotadas de saberes, e também são oriundas de regiões e culturas diversas. Entretanto, por intermédio de algumas práticas pedagógicas, a escola tem dado prioridade a norma padrão em razão da diversidade linguística, presente nos diversos falares dos alunos, como afirma o mesmo BAGNO: "A norma padrão é um construto sociocultural, portador-perpetuador de uma ideologia linguística, muito mais até do que um guia normativo para se falar e escrever corretamente". (BAGNO, 2007, p. 19). É importante frisar que para os linguistas e para o processo de comunicação inexitem formas corretas em relação ao uso da língua, havendo interação, e a mensagem for de fácil compreensão, ela ser atendida e respondida através do canal, toda forma de comunicação terá sua validade.

3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Considerando-se a contextualidade social, a empregabilidade do vocábulo preconceito torna-se um fator social, e os seres humanos praticam-no em suas diversas instâncias, e classificações, como: social, racial, religioso, sexual, de gênero, de culinária, musical, dentre outros. Sendo que, delineando para o campo da linguística, ouve-se e também se convive com mais um tipo de preconceito: o preconceito linguístico, que é a situação vivida por alguns falantes, que possuem suas particularidades quanto ao uso da língua.

O Brasil, por ser um grande país em extensão continental, apresenta 05 regiões, que possuem suas características peculiares à cultura, culinária, literatura, folclore, e também a sua diversidade linguística, ocasionando assim, em muitos momentos no ato da fala o preconceito linguístico entre os falantes.

Relevando-se a ocorrência do preconceito linguístico, Bagno (2002, p.40) faz uso da seguinte observação:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”.

O preconceito linguístico possui em uma de suas origens o uso sistemático da língua padrão, edificada em conceitos gramaticais, fazendo com que seus usuários utilizem-na dentro de normas estabelecidas por convenções gramaticais, não podendo estas serem desrespeitadas, nem tampouco infringidas no uso da prática da verbalização, muito menos o uso da escrita no cotidiano dos seres que vivem sob as regras de um sistema gramatical. Sendo que tal fato ocorre com muita frequência, principalmente nas salas de aula com alunos que possuem como característica a diversidade linguística, sendo que estes sofrem o denominado preconceito linguísticos, pois estão “distantes” do falar correto, consoante as prerrogativas gramaticais.

É válido informar que BAGNO (2002,p. 51:)

Convém salientar que a determinação das normas culta e não culta é uma questão de grau de frequência das variantes (o que os normativistas considerariam erros ou acertos). Por exemplo, coisas como: “ os meninos tudo” ou “ houveram fatos” podem aparecer na fala de brasileiros cultos.

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local, ou a uma única comunidade de falantes, ou “melhor” ou “pior” português e passar a respeitar todas as variedades da língua que constituem um tesouro precioso de nossa cultura.

Considera-se, portanto, que determinar o que seja culto e não culto, é não considerar a ocorrência com que os usuários de uma língua se utiliza sobre a sua forma subjetiva, ou seja é não dá importância a forma pela qual os usuários empregam em sua diversidade linguística o uso da língua.

“Erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua.” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.37). Tal pensamento pode ser entendido socialmente como um erro atribuído às variedades linguísticas. Entretanto tal ótica vem em consecução de outros erros, como podemos elencar o preconceito social, em que pessoas que pertencem à classe social mais baixa, são, no entanto, as que mais cometem erros de língua portuguesa, quer queira no plano verbalizado, como no plano escrito, por não terem tido condições de acessar os bancos escolares. “O preconceito linguístico não existe, o que existe, de fato, é um profundo e estranhado preconceito social.” (BAGNO, 2003, p. 16).

Ainda considerando, o item da adequação contextual, ou seja, como usar e onde usar as diversidades linguísticas, relevemos o comentário de Stella Maris Bortoni- Ricardo (2005)

[...] a escolha de determinado grau de formalidade na fala depende basicamente do papel social que o falante desempenha a cada ato de interação verbal. [...] Em qualquer circunstância, porém, há pelo menos três fatores determinantes dessa seleção: os participantes da interação, o tópico da conversa e o local onde ela se processa. O falante ajusta a sua linguagem variando de um estilo informal a um estilo cerimonioso, a fim de se acomodar aos tipos específicos de situações.

Pode-se afirmar, que diante dos comentários da autora, o falante deve saber utilizar os três fatores determinantes da interação comunicativa: onde se fala, com quem se fala e como se fala, diante das situações de diversidade linguística, para que não se alimente bases para a ocorrência do preconceito linguístico.

4 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Com a finalidade de atingir o objetivo geral previsto e ansiado no presente estudo, que é o de estabelecer uma análise qualitativa abrangente sobre preconceito linguístico ocorrencial no cotidiano dos moradores do Povoado Serra, da cidade de Itabaiana, no estado de Sergipe, bem como demonstrar a necessidade da presença de situações em decorrência ou não do nível escolar dos usuários entrevistados, foi feita uma pesquisa aplicada de caráter exploratório, com abordagem qualitativa.

No processo de edificação da pesquisa, dois tipos de fontes foram necessárias e indispensáveis aos objetivos expostos para a consecução das expectativas propostas, foram elas: fontes impressas e orais.

Os registros impressos formam o elemento central na maior parte das pesquisas acadêmicas, acima de tudo por haver um papel escrito, e os entrevistados sentem-se valorizados. Diante de tal fato, alguns registros de fundamental importância para a pesquisa foram realizados como: a aplicação de entrevistas individuais semi-estruturadas aos moradores do povoado, que posteriormente foram analisadas e comparadas em informações tabuladas. Foi necessário, de antemão conversar com os moradores sobre o objetivo da pesquisa, e conseqüentemente das entrevistas. Logo em seguida, as entrevistas foram sendo realizadas aos poucos, à medida que as visitas ao povoado foram ocorrendo. No momento da entrevista, os entrevistados sentiam-se muito tranquilos e à vontade, e as perguntas foram feitas durante o desenvolvimento da conversa.

As fontes orais foram utilizadas como instrumentos para levantamento de dados, ratificando, assim, as informações, as entrevistas e as gravações.

A escolha do campo de pesquisa aconteceu por ser um povoado de uma localização de fácil acesso. A realidade encontrada no povoado ofereceu subsídios para refletir sobre o preconceito linguístico que alguns moradores sofrem em determinadas situações.

A metodologia que se adotou nesta pesquisa é o estudo de caso, que consoante LudKe e André (1986), se trata de uma pesquisa qualitativa com forte cunho descritivo, com interesse próprio. Os estudos de caso são sempre muito bem delimitados, podendo ter suas flexibilidades claramente definidas nos desdobramentos do estudo.

4.1 PRECONCEITO LINGUÍSTICO VIVIDO PELOS ENTREVISTADOS- ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Inicialmente, será feita uma análise dos resultados obtidos através das entrevistas.

Subsídio esse que é de relevante importância para as conclusões deste trabalho de conclusão de curso, sendo que foram entrevistados 20 moradores, sendo 10 do sexo masculino, e 10 do sexo feminino, constando-se que 10 possuem o nível de ensino fundamental, e 10, possuem o nível médio.

A primeira questão proposta aos entrevistados a ser analisada é a seguinte: Qual é o seu nível de escolaridade?

10 dos entrevistados disseram possuir nível fundamental, e os outros 10 afirmaram que possuem o nível médio.

TABELA 01- QUAL O SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE

Respostas	Entrevistados	Sexo	
		Masculino	Feminino
Nível Fundamental	10	05	05
Nível Médio	10	05	05

Fonte: Pesquisa Qualitativa/Entrevista com moradores do Povoado Serra /2016

Percebe-se pelo grau de escolaridade dos entrevistados, que mesmo morando distante da sede do município, os entrevistados tiveram acesso à educação básica, sendo que alguns chegaram a concluir o Ensino Médio.

A segunda questão proposta aos entrevistados foi a seguinte: Qual a é a sua profissão?

TABELA 02- QUAL A É A SUA PROFISSÃO?

Respostas	Entrevistados	Sexo
-----------	---------------	------

		Masculino	Feminino
Lavrador	10	07	03
Agricultor	01	01	-
Autônomo	07	-	07
Ag. de Saúde	01	01	-
Pescador	01	01	-

Fonte: Pesquisa Qualitativa/Entrevista com moradores do Povoado Serra /2016

Todos os entrevistados possuem ocupação laboral, o que facilita em grande parte as relações sociais, comerciais e culturais, pois em tais relações ocorrem a troca de informações, e o processo de comunicação ocorre em sua totalidade, independente do seu nível de escolaridade e de sua ocupação laboral.

A terceira pergunta feita aos entrevistados foi a seguinte: Você possui algum problema em relação à comunicação com outros? Se possui, relate-nos.

TABELA 03: VOCÊ POSSUI ALGUM PROBLEMA EM RELAÇÃO À COMUNICAÇÃO COM OUTROS? SE POSSUIR, RELATE-NOS.

Respostas	Entrevistados	Sexo	
		Masculino	Feminino
Nível Fundamental	10	06	04
SIM		01	02
NÃO		05	02
Nível Médio	10	04	06
NÃO		04	02
SIM		00	04

Fonte: Pesquisa Qualitativa/Entrevista com moradores do Povoado Serra /2016

Os entrevistados que responderam negativamente afirmam que inexistem problemas no tocante à comunicação com os outros, todavia os que responderam afirmativamente

relatam que às vezes, sentem-se constrangidos e mudam de assunto, ou nem se comunicam por desconhecerem ou não terem intimidade e afinidade com o outro falante, como também às vezes, enquanto conversam, os colegas usam palavras que ele desconhece em seu universo lexical, tal fato pode ser ratificado por Cagliari (2000, p. 81), “quando diz que todos nós, na verdade, somos, de certa forma, falantes de mais de um dialeto, os quais usamos de acordo com as circunstâncias”.

A quarta pergunta feita aos entrevistados foi a seguinte: Na sua opinião, o nível de escolaridade interfere no processo de comunicação? Em caso afirmativo, justifique.

TABELA 04: Na sua opinião, o nível de escolaridade interfere no processo de comunicação? Em caso afirmativo, justifique.

Respostas	Entrevistados	Sexo	
		Masculino	Feminino
Nível Fundamental	10	05	05
SIM		01	01
NÃO		04	04
Nível Médio	10	06	04
NÃO		02	03
SIM		04	01

Fonte: Pesquisa Qualitativa/Entrevista com moradores do Povoado Serra /2016

Os entrevistados que responderam a pergunta de forma negativa afirmam que o nível de escolaridade em nada implica nas relações pessoais, muito menos no processo de comunicação, uma vez que grande parte dos moradores do povoado possuem um vocabulário restrito e usual entre eles mesmos. Os que optaram pela resposta afirmativa dizem que o nível de escolaridade interfere sim no processo de comunicação, pois quanto mais se estuda, menos erros se cometem, mais ideias surgem, melhores comportamentos são adotados e os moradores podem até melhores chances de ocupação no mercado de trabalho.

A quinta pergunta feita aos entrevistados tratou diretamente da temática da pesquisa qualitativa: você já passou por alguma situação de constrangimento por falha no processo de comunicação devido ao seu nível de escolaridade? Em caso afirmativo, relate-nos.

TABELA 05: VOCÊ JÁ PASSOU POR ALGUMA SITUAÇÃO DE CONSTRANGIMENTO POR FALHA NO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO DEVIDO AO SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE? EM CASO AFIRMATIVO, RELATE-NOS.

Respostas	Entrevistados	Sexo	
		Masculino	Feminino
Nível Fundamental	10	08	02
SIM		07	01
NÃO		01	01
Nível Médio	10	07	03
NÃO		01	02
SIM		06	01

Fonte: Pesquisa Qualitativa/Entrevista com moradores do Povoado Serra /2016

Os entrevistados que responderam à pergunta de número 05 e afirmaram que nunca passaram por tal situação, relatam que em todos os momentos de sua existência, nem na escola, nem em casa, nem no trabalho, nem nas conversas informais ocorrera tal fato, chegando até serem enfáticos que o importante é o outro entender a mensagem, mesmo que eles não utilizem adequadamente a língua consoante a norma padrão. Os entrevistados, que optaram pela resposta afirmativa, relataram que em muitos momentos se sentiram constrangidos por possuir uma forma própria de falar, de possuir um universo vocabular restrito, e que muitas das vezes já foram corrigidos por outros que possuem um nível de escolaridade maior, ocasionando assim uma certa angústia e consequentemente repercute no fato de alguns deles serem tímidos ao falar, com o íntimo medo de errar na realização do processo de comunicação. Segundo Bagno (2007): “são os alunos pobres, que frequentam a escola pública, os sujeitos que mais sofrem os preconceitos pelo uso da variação linguística”. Tal preconceito é atribuído ao fato de esses alunos falarem de uma maneira um pouco

diferente da língua padrão ensinada pela escola, que deveria primar pela abertura das variações linguísticas, e não pelo tolhimento dessas.

A sexta e última pergunta feita na entrevista aos moradores do povoado foi: Na sua opinião, as pessoas que possuem um nível de escolaridade diferenciado do seu comportam-se de forma superior a você? Em caso afirmativo, comente o porquê.

TABELA 06: NA SUA OPINIÃO, AS PESSOAS QUE POSSUEM UM NÍVEL DE ESCOLARIDADE DIFERENCIADO DO SEU COMPORTAM-SE DE FORMA SUPERIOR A VOCÊ? EM CASO AFIRMATIVO, COMENTE O PORQUÊ.

Respostas	Entrevistados	Sexo	
		Masculino	Feminino
Nível Fundamental	10	08	02
SIM		03	01
NÃO		05	01
Nível Médio	10	07	03
NÃO		04	03
SIM		03	00

Fonte: Pesquisa Qualitativa/Entrevista com moradores do Povoado Serra /2016

Os entrevistados que responderam de forma negativa, alegaram que o “**nível de estudo**”, segundo eles, não interfere nas relações pessoais, e também eles nunca tiveram um tratamento diferenciado por possuírem um “**nível de estudo**” mais inferior àqueles que possuem um grau maior de escolaridade, ou seja, a isonomia linguística está presente entre a maioria dos entrevistados, denotando assim que o preconceito linguístico inexistente em tal grupo. Entretanto, houve 07 entrevistados que se disseram em algumas vezes terem sido menosprezados e foram corrigidos por outras pessoas que têm um grau de escolaridade maior, fazendo estes passarem por situações de constrangimentos, inibições, e até mesmo de uma certa antipatia com as pessoas que os corrigiram, pois na visão dos entrevistados que sofreram o preconceito linguístico, as pessoas que possuem um maior nível de escolaridade se acham superiores e sentem-se na obrigação de corrigir os outros que possuem um nível menor, conforme relatos de um dos entrevistados: “muitas vezes sim, outras vezes, não, mas na

maioria das vezes sim, elas aparecem mais, se mostram mais”; “ sim, pessoas têm aquele nível de superioridade, e aí ela acha que está sendo uma coisa a mais, ao contrário, a pessoa quer analisar você por inferior”; “ sim, elas se acham mais superiores por terem mais estudo, mais experiência”. É perceptível a ocorrência da angústia por parte de alguns entrevistados no que diz respeito à forma comportamental em que alguns usuários que possuem um grau de escolaridade diferenciado os tratam, ou seja, na visão desses, o grau de escolaridade valida a eles o direito de corrigir pessoas que possui em sua cultura linguística a variação da língua, o que pode ser considerado um fato extremamente lamentável

Assim sendo, para o processo da comunicação não existe língua errada,, ou modo de falar errado, o que existe de fato é a real utilização da língua em um contexto errado, sendo cada variante linguística deva ser essencial para cada situação de uso em que o indivíduo esteja incluso, competindo ao mesmo, saber selecionar o uso das inúmeras variantes, conforme sua devida e real a necessidade. Em nível de complementação argumentativa:

As variedades não são erros, mas diferenças. Não existe erro linguístico. O que há são inadequações de linguagem, que consistem não no uso de uma variedade em vez de outra, mas no uso de uma variedade em vez de outra numa situação em que as regras sociais não abonam aquela forma de fala. (GERALDI, 1997, p.52)

Por fim, a pesquisa de campo foi um instrumento que não só serviu como embasamento para a construção do referido trabalho de conclusão de curso, bem como para denotar a importância da presença dos fatores extralinguísticos que ocorrem no cotidiano das pessoas, mesmo que estas morem distantes dos grandes centros urbanos, mesmo que possuam um grau de escolaridade diferente, mesmo que pertençam a classes sociais distintas, e que possuam filosofia de vida não igual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi estabelecer uma análise qualitativa abrangente sobre preconceito linguístico que ocorre no cotidiano dos moradores do Povoado Serra, no

município de Itabaiana, Sergipe, bem como demonstrar a necessidade da presença de situações em decorrência ou não do nível escolar dos usuários entrevistados, o que fora confirmado pelos depoimentos das pessoas que responderam às perguntas orais pelo entrevistador.

As variedades linguísticas identificam indubitavelmente a forma pela qual falam os indivíduos de um determinado grupo social, ou de uma comunidade local. Como foi mencionado durante o discorrer do texto, infelizmente, muitos dos preconceitos são atribuídos aos diferentes formas de falar dos usuários de uma determinada língua, que apresentam uma linguagem considerada, por alguns membros da sociedade, como sendo de menor prestígio. Como parte do objetivo da pesquisa tem como estabelecer uma análise qualitativa diante das situações de preconceito linguístico, compete então aos usuários de uma determinada comunidade linguística respeitar as diferenças, que é de suma importância e que assim a sociedade enfrente, e administre, sempre conciliando os preconceitos que são propagados na sociedade em relação às variedades linguísticas, e os efeitos que elas causam no processo de comunicação.

Ficou evidenciado que os entrevistados do Povoado Serra reconheceram que cada pessoa tem o seu jeito próprio de falar, a sua forma subjetiva de se expressar e se comportar, sendo que tais itens são resultantes dos fatores sociais extralinguísticos, já citados anteriormente. Alguns deles também possuem a consciência de que a existência do preconceito linguístico provoca entre as pessoas um certo afastamento e constrangimento, pois muitos percebem que as suas explicitações verbais estão submetidas a julgamentos sócio-culturais, o que torna um verdadeiro pecado para o processo de comunicação.

Assim sendo, ressalta-se a importância da temática em ênfase, para que assim não exista pretensão de findar por aqui este debate, entretanto, os resultados encontrados a partir do contato direto com os entrevistados possam tanto contribuir, como subsidiar melhorias nas relações pessoais, bem como possa servir de incentivo para o aprofundamento do tema por outros pesquisadores, e que estes entendam preconceito linguístico como um fator de extrema relevância para o campo da Sociolinguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos, **Nada na língua é por acaso por uma pedagogia da variação linguística**. SP: Parábola Editorial, 2007.

- _____. **A Língua de Eulália: *Novela Sociolinguística***. 6ª ed. – São Paulo: Contexto, 2000.
- _____. **Preconceito Linguístico: *O que É, como se Faz***. 15ª ed. – São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. **Nada na Língua é por Acaso: *Por uma Pedagogia da Variação Linguística***. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAKTHIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 5ª ed. – São Paulo: Hucitec, 1990.
- BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**. 4ª ed. – São Paulo: Cortez, 2004.
- BORTONI- RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. Nós chegamos na escola, e agora?: Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- CAGLIARI, Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2000.
- CARDOSO, Sílvia H. B. **Linguagem, Língua, Fala e Discurso**. In: Discurso e Ensino. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- COSTA, M. A. **Estruturalismo**. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.) et al. Manual de Linguística. – São Paulo: Contexto, 2008.
- DESLANDES, S. F. **O Projeto de Pesquisa**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social: *Teoria, Método e Criatividade*. – Petrópolis: Vozes, 1995.
- GERALDI, Wanderley. et al. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. – São Paulo: Atlas, 1991.
- MOLLICA, Cecília Maria; BRAGA, Maria Luiza – **Introdução à sociolinguística: *O Tratamento da Variação***/ (org.) 3ª ed. – São Paulo: Contexto, 2007.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (org.) – **Introdução à Linguística: *Domínios e Fronteiras***. V. 1- 9ª ed. – São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. **Introdução à linguística**. 4ª ed. In: Alkmin, T.; Camacho, R. G. **Sociolinguística**. – São Paulo: Cortez, 2004.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. SP: EPU, 1986.
- LOURO, Guacira Lopes, Gênero e Magistério: identidade, história, representação, Tradução: CATANI, Denice Bárbara, 1997. www.anped.org.br, acessado em 19 de outubro de 2008, às 21h48min.
- PRETI, Dino. **Sociolinguística: *Os Níveis da Fala***. – São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1987.

_____, Sociolinguística – Os Níveis da Fala, EDUSP, SÃO PAULO, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Org. Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24ª ed. – São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

PESQUISA NA REDE

Disponível em: <revel.inf.br>, acesso em 06/04/2016 às 21:35. *In*: RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. **Saussure e a Definição da Língua como Objeto de Estudos**. REVEL. Edição Especial no. 2, 2008. ISSN 1678-8931.

Disponível em: <http://conceito.de/comunicacao#ixzz45Wt8t9kh>, acesso em 11/04/2016 às 11: 48. **Conceito de Comunicação – O que É, Definição e Significado**.

Disponível em : <200.144.182.130/iee/sites/default/files/como%20elaborar%20seu%20projeto.pdf>, acesso em 06/04/2016 às 14:53.

Disponível em: <webartigos.com/artigos/a-sociolinguistica-e-seu-papel-metodologico-no-ensino-da-linguagem-oral/9229/#ixzz45jQVldtI>, acesso em 11/04/2016 às 13: 22.

Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Sociolingu%C3%ADstica>, acesso em 13/04/2016 às 15:20.

ANEXO I

ENTREVISTA

Esta entrevista é um instrumento de pesquisa que objetiva coletar dados e informações para a elaboração Do Trabalho de Conclusão de Curso, exigido como requisito necessário para a conclusão do Curso de Letras Português, oferecido pela Universidade Federal de Sergipe, Campus Itabaiana, e tem como pesquisador o aluno: Moisés Tavares, orientada pelo Professor **Derli Machado de Oliveira** cujo tema de pesquisa é: **PRECONCEITO LINGUÍSTICO: PESQUISA QUALITATIVA NO POVOADO SERRA, DO MUNICÍPIO DE ITABAIANA, NO ESTADO DE SERGIPE**. Os dados e informações registrados neste questionário serão utilizados apenas na confecção do Trabalho de Conclusão do Curso sendo preservado o conteúdo e a fonte.

QUESTIONÁRIO SÓCIO-CULTURAL:

1º) Qual é o seu nível de escolaridade?

2º) Qual é o seu nível de escolaridade?

3º) Você possui algum problema em relação à comunicação com outros? Se possui, relate-nos.

4º) Na sua opinião, o nível de escolaridade interfere no processo de comunicação? Em caso afirmativo, justifique.

5º) Você já passou por alguma situação de constrangimento por falha no processo da comunicação devido ao seu nível de escolaridade? Em caso afirmativo, relate-nos.

6º) Na sua opinião, as pessoas que possuem um nível de escolaridade diferenciado do seu comportam-se de forma superior a você? Em caso afirmativo, comente o porquê.

,